


# “Uma Corrente Comunista Revolucionária no NPA”

 *Completando o dossiê França, publicamos abaixo uma entrevista com os companheiros Daniela Cobet, Vincent Duse e Manu Georget, membros eleitos do CPN do NPA pela Plataforma 4, no 2º Congresso do Partido, realizado em fevereiro deste ano.*

**Estratégia Internacional Brasil – Nesta edição, publicamos o balanço oficial da Plataforma 4 sobre o 1º Congresso do NPA. Podem nos falar um pouco sobre como e quando surgiu a Corrente Comunista Revolucionária? Qual a sua composição?**

A CCR foi criada em abril de 2011, para expressar uma sensibilidade específica dentro da Plataforma 4. Esta plataforma, como sabem, se constituiu em vista do 1º Congresso, para defender uma estratégia e uma orientação revolucionárias para o partido. Criamos essa plataforma para dizer que, ainda mais depois do Outono Francês, chegou a hora de dar um basta às ambiguidades e confusões estratégicas que caracterizam o NPA desde o seu Congresso de fundação.

Nós achamos que a nossa tarefa é reafirmar na orientação concreta do partido e na sua prática a atualidade de um projeto revolucionário que combata abertamente pela destruição do Estado capitalista e a construção de um novo poder, fundado sobre a auto-organização das massas.

Nossa corrente, no interior da Plataforma 4, é formada por militantes vindos de percursos e tradições diversas, alguns vindos da velha LCR [Liga Comunista

Revolucionária, antiga organização mandelista francesa, que se dissolveu no NPA], ou de outras correntes de extrema esquerda, outros sem experiência política prévia ao NPA, outros ainda filiados a uma corrente internacional, a Fração Trotskista – Quarta Internacional.

### **EIB – A Plataforma 4 conseguiu eleger representantes para o Conselho Político Nacional do NPA, há algum deles na CCR?**

Então, a necessidade de criar uma “quarta” plataforma para o 1º Congresso surgiu do fato de que estamos convencidos da atualidade do projeto e da batalha comunista revolucionária no seio do partido. Somos hoje uma minoria, no marco de que nenhuma das três outras plataformas propostas aos militantes pôde formar uma maioria para a direção do partido. A PF4 possui seis membros eleitos ao Conselho Político Nacional (CPN) do NPA, e três dentre eles militam na CCR. Vincent Duse, operário da PSA Peugeot Citroen, militante cegetista, secretário da CGT na Peugeot-Mulhouse por dez anos; Manuel Georget, operário da Philips-Dreux até o seu fechamento recente, que cumpriu um papel dirigente nas numerosas lutas contra o fechamento da fábrica e especialmente na experiência do controle operário no início de 2010; e Daniela Cobet, estudante e trabalhadora precária na Educação Nacional.

### **EIB – Mas como isso se reverte “no terreno”, na prática que vocês desenvolvem?**

A CCR tenta ser coerente com essa estratégia na sua prática e na sua construção. Achamos que isso se mostra no papel ativo de nossos camaradas no movimento contra a reforma das aposentadorias, mas também na própria composição da nossa corrente, que reivindica a centralidade operária, da base à direção; é com essa prática e com uma luta política resoluta que nós achamos que o NPA pode se tornar uma ferramenta dirigente para a luta de classes e para a revolução, e não somente um instrumento eleitoral para as camadas radicalizadas da população.

Nós acreditamos que com uma orientação assim seria possível atrair para a política revolucionária os milhares de trabalhadores e trabalhadoras que participaram das lutas da primavera de 2009, aos que ocuparam suas fábricas e sequestraram seus patrões para combater as demissões, aos que chegaram à beira de uma greve geral política na luta contra a reforma das aposentadorias no último outono, sem esquecer os milhares e milhares de jovens que participaram na revolta de 2005 nas banlieue, nas lutas contra o CPE e a LRU.

### **EIB – E como vêm que está o NPA agora?**

Se tivesse que resumir em poucas palavras, diria que está numa crise estratégica e dividido entre pseudo-soluções eleitorais.

A reunião do CPN de meados de maio, que se deu bem no meio da crise aberta pela decisão de Olivier Besancenot de não se apresentar às eleições presidenciais do ano que vem, deixou isso claro. A crise está muito longe de se reduzir ao problema

de como se apresentar nas próximas eleições, pois é um prolongamento e uma agravamento da crise estratégica que se revelou no Congresso. A ideia de um NPA como partido amplo sem delimitação estratégica e se construindo no “espaço vazio” aberto à esquerda do PS já mostrou todos os seus limites. Mas as três principais plataformas se recusam a aceitar isso. Com a renúncia de Besancenot, que era quem vinha sustentando o partido com sua popularidade, as coisas ficaram ainda piores.

### **EIB – Várias correntes de esquerda vêem que a Posição 2 poderia ser uma alternativa à velha direção, como vocês tratam essa questão?**

Achamos que não só no Congresso, mas depois, no CPN, a Posição 2 mantém uma orientação que se opõe, precisamente, a apresentar uma alternativa estratégica à direção. Naquela reunião de que falávamos, por exemplo, enquanto a direita [Posição 3] levava seu projeto até o final, falando em “refundar o NPA” sobre a base de uma unidade permanente com os reformistas da Front de Gauche, e com um setor da velha direção [centro] se realinhando a partir da defesa de uma candidatura do NPA independente, a política da Posição 2 se reduziu a uma aliança sem princípios com uma parte da antiga maioria e a uma defesa pura e simples do NPA tal como é hoje. Nesse sentido, não foi uma alternativa nem sequer no estreito quadro daquele debate, já tão eleitoralista por si; a P2 permitiu que a polarização se desse entre: fazer uma frente permanente com os reformistas, ou manter o NPA tal como é. Sendo que é claro que nenhuma dessas ações pode responder à crise do partido. O interessante é que alguns setores da antiga Posição 2, descontentes com essa política, decidiram apoiar nossa moção para a Conferência Nacional que ocorrerá no fim deste mês e que vai provavelmente obter um resultado superior ao do Congresso.

Ao contrário das acusações de certos dirigentes da Posição 2, nós estivemos longe de ser indiferentes com relação à necessidade de impor uma derrota à direita do partido; ao contrário, combatemos suas posições o tempo todo e propusemos um bloco pontual sobre essa questão, mas sem dissolver nosso programa porque recusamos totalmente a ideia de que uma crise que está ligada em grande medida ao peso superdimensionado dado aos resultados eleitorais e à ocupação de espaços midiáticos possa ser resolvida sobre o plano eleitoral e encontrando um novo porta-voz que substitua Besancenot. Falando assim, isso chega mesmo a ser ridículo!

Ao contrário, a verdadeira pergunta que deveríamos nos fazer é: como é possível que um partido inteiro entre numa crise desse tipo pelo fato de um porta-voz seu se retirar? A resposta é que durante muito tempo o partido alimentou a ideia de que um porta-voz popular, capaz de bons resultados eleitorais, poderia substituir o trabalho paciente para se implantar nas fábricas e uma intervenção correta na luta de classes.

Por isso, estamos convencidos de que a crise profunda do NPA demanda uma resposta profunda e radical, uma verdadeira refundação do partido. Não aquela que a direita propõe, mas uma diametralmente oposta: que supere as ambiguidades estratégicas do projeto do NPA, dando um basta a toda ilusão eleitoralista, para construir um partido abertamente revolucionário, que ponha toda a sua energia numa construção séria no seio da classe operária e que procure por todos os meios

se fundir com os melhores da vanguarda dos trabalhadores e da juventude que passaram a prova das últimas lutas sociais na França.

### **EIB – Qual impacto as “acampadas” no Estado Espanhol tiveram na França?**

O processo no Estado Espanhol com certeza influenciou diversos setores de vanguarda, reforça um certo sentimento internacionalista. Mas é preciso remarcar que houve um certo destempero entre as situações francesa e espanhola. Depois da derrota reivindicativa do Outono passado, abriu-se uma conjuntura bem distinta, que continua estando extremamente polarizada, porém de outra forma: atualmente essa polarização se expressa principalmente “por cima” (e não “por baixo” como durante o outono) e para a direita (principalmente com a força de Le Pen no cenário político e na mídia nacional). É sobre essa base que a direita do NPA tenta se apoiar para justificar seu projeto reformista. Nós, ao contrário, pensamos que não se deve confundir a mera conjuntura nacional atual e a etapa mais geral que atravessamos, em que cedo ou tarde a luta de classes voltará à tona. Ressoar a mensagem da juventude do Estado espanhol é importante para manter isso em mente. Não podemos deixar de desejar que essa onda de resistência possa se estruturar em torno de características operárias muito fortes (como foram no último outono na França com os trabalhadores das refinarias, ou hoje na Itália com os operários da Fincantieri em luta). Nos prepararmos nesse sentido seria o melhor meio para estar à altura da profundidade da crise, responder ao populismo do Front National de Le Pen e atrair as melhores expectativas dos trabalhadores e da juventude para uma saída revolucionária.

*Maio de 2011.*